

## **AS REPRESENTAÇÕES DO TRABALHO NO TURISMO RURAL PARA AS MULHERES DA REGIÃO DOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA - RS**

Raquel Lunardi<sup>1</sup>  
Joaquim Anécio de Jesus Almeida<sup>2</sup>

### **Resumo**

As mudanças ocorridas no meio rural brasileiro, a partir da década de setenta, proporcionaram o desenvolvimento de atividades não-agrícolas nas propriedades e, conseqüentemente, o aumento da participação da mulher nessa nova realidade. Uma das principais atividades que surgiram no espaço rural foi o turismo. Este trabalho tem como objetivo estudar o papel da mulher no desenvolvimento da atividade turística no meio rural. Para isso, foram observadas mulheres empreendedoras em oito pousadas-fazenda no meio rural na região dos Campos de Cima da Serra, estado do Rio Grande do Sul. Os municípios estudados foram: Bom Jesus, Cambará do Sul e São José dos Ausentes. Para analisar com maior precisão o trabalho dessas mulheres foram realizadas entrevistas norteadas pelos seguintes aspectos: perfil da mulher empreendedora; caracterização da propriedade e da atividade turística; e relações econômicas e de trabalho. Como principais resultados da análise, obtivemos: o turismo como uma fonte inovadora de recursos financeiros, já que deixa de ser uma atividade complementar e passa a ser a principal atividade econômica nas propriedades pesquisadas; a diversidade de funções desempenhadas pela

---

<sup>1</sup> Bacharel em Turismo, Mestre em Extensão Rural e doutoranda em Desenvolvimento Rural (UFRGS) – [raquel\\_lunardi@yahoo.com.br](mailto:raquel_lunardi@yahoo.com.br). Endereço Postal: Av. Rodolfo Behr, 980, Bairro Camobi, Santa Maria, CEP: 97105440.

<sup>2</sup> Doutor em Sociologia, professor titular da Universidade Federal de Santa Maria - [naik@smail.ufsm.br](mailto:naik@smail.ufsm.br)

mulher, que acontecem ora no ambiente doméstico ora no ambiente empresarial.

**Palavras-chave:** turismo rural, mulher, desenvolvimento econômico do meio rural

## THE REPRESENTATIONS OF THE WORK IN THE AGRICULTURAL TOURISM FOR THE WOMEN OF THE REGION OF CAMPOS DE CIMA DA SERRA –RS

### Abstract

The occurred changes in the Brazilian agricultural way, from the decade of seventy, had provided to the development of activities not-agriculturists in the properties and, consequently, the increase of the participation of the woman in this new reality. One of the main activities that had appeared, in the Brazilian agricultural way, was the tourism. In this approach, this work has as objective to study the paper of the woman in the development of the tourist activity in the agricultural way. For this, enterprising women had been observed (administrators), in eight inn farm that present as main service the lodging in the agricultural way, in the region from Campos de Cima da Serra, Rio Grande do Sul. The studied cities had been: Bom Jesus, Cambará do Sul and São José dos Ausentes. To analyze with bigger precision the work of these, women had been carried through interviews in which the questions had guided the following aspects: profile of the enterprising woman; characterization of the property and the tourist activity; e economic relations and of work. As main results of the analysis, we got: o tourism as an innovative source of financial resources, since it leaves of being a complementary activity and starts to be the main economic activity in the searched properties; the diversity of functions played for the woman, that if give however in the domestic environment however in the enterprise environment.

**Key-words:** agricultural tourism, enterprising woman, economic development of the agricultural way

### 1. Introdução

O meio rural brasileiro vem sofrendo, principalmente após a década de setenta, mudanças significativas em seu espaço, não só econômicas, mas também sociais. Estas modificações vêm ocorrendo em virtude da

modernização agrícola, que surge com a implementação de novas técnicas e de métodos de plantio e colheita, com inovações genéticas e com melhoramento na mecanização (Graziano da Silva, 1999).

Nesse sentido, o espaço rural passa a ser não só agrícola, mas também um cenário para o desenvolvimento de novas atividades e de multifuncionalidades, que antes eram desenvolvidas apenas no espaço urbano. Nesta perspectiva, Carneiro (1998) destaca que as mudanças no meio rural brasileiro são decorrentes de dois fenômenos: primeiro, a inserção de atividades não-agrícolas possibilita que o agricultor torne-se um agricultor pluriativo, trazendo mudanças nas formas de organização da produção e na divisão do trabalho; segundo, pela necessidade que as pessoas, principalmente as citadinas, têm de buscarem atividades relacionadas ao lazer no campo, que teve início, principalmente, depois da década de noventa com o desenvolvimento do pensamento ecológico (Carneiro, 1998). Essa busca, especialmente pelo segundo fenômeno, tem incentivado muitos agricultores a desenvolverem o turismo, alterando o ritmo da vida local e familiar, a estrutura na divisão das atividades tanto no turismo quanto na agricultura, assim como os valores sociais e culturais.

O turismo no meio rural pode gerar mudanças significativas em diferentes segmentos: na valorização do território, na proteção do meio ambiente e conservação do meio natural, histórico e cultural, constitui-se numa alternativa de geração de renda e de empregos, etc. “O turismo é um instrumento de estímulo à gestão e ao uso sustentável do espaço local, que deve beneficiar prioritariamente a população local direta e indiretamente envolvida com a atividade turística” (Campanhola e Graziano da Silva *In* Almeida e Riedl, 2000, p. 152).

Nesta nova redefinição do espaço rural, a introdução de atividades complementares (pluriatividade) não está alterando apenas os valores sociais do meio rural, mas também o processo de organização e alocação do trabalho no interior do grupo doméstico, possibilitando a redefinição dos papéis exercidos pelos membros da família e a abertura no mercado de trabalho para as mulheres (Carneiro, 1998). Dentro dessa nova perspectiva de desenvolvimento rural, o trabalho especialmente da mulher, adota nova forma. Deixa de ser “invisível”<sup>3</sup>, passando a ser peça chave na atividade

---

<sup>3</sup>As lidas femininas na casa ou na roça são desconsideradas como trabalho. “A desvalorização das múltiplas tarefas femininas nas estatísticas oficiais – daí a expressão ‘trabalho invisível’ – é um reflexo da desvalorização que perpassa toda a sociedade e suas principais instituições, incluindo a família” (PAULILO, 2004, p. 235).

turística, onde desempenha diversas atividades tidas como femininas ou como uma extensão das tarefas domésticas. No turismo ela combina as atividades produtivas com as reprodutivas, desenvolvendo uma dupla jornada de trabalho, sendo que o primeiro se confunde com o segundo tipo de trabalho, por ambos se desenvolverem na unidade familiar (Paulilo, 2004).

Apesar de ser considerado como um trabalho doméstico ampliado (Garcia Ramon, Canoves e Valdovinos, 1995; Perez e Valiente, 2000), o turismo propicia que o trabalho da mulher, que era invisível na agricultura, passe a ser visível e ter um valor social, já que agora elas contribuem para a economia familiar e podem usar a renda adquirida da forma que lhes convém<sup>4</sup>.

Nesse sentido, pretende-se mostrar neste estudo o papel que as mulheres exercem no desenvolvimento de atividades não-agrícolas em propriedades da região dos Campos de Cima da Serra, RS, tendo como base para a discussão a atividade turística. Para tanto, buscou-se, ainda, descrever as transformações econômicas e de trabalho ocorridas para a mulher, assim como identificar o perfil destas mulheres.

No intuito de alcançar os objetivos propostos na pesquisa, utilizamos metodologia de coleta de dados que seguiu quatro fases. Na primeira, fizemos a coleta de dados em fontes secundárias, através da página *Web* da Secretaria de Turismo do Estado (SETUR), com a finalidade de obtermos informações acerca das propriedades que ofertam serviço de hospedagem no Estado do Rio Grande do Sul. Na segunda fase da pesquisa, selecionamos a região a ser estudada. A Região dos Campos de Cima da Serra foi escolhida por possuir o maior número de empreendimentos de hospedagem administrados por mulheres no Estado, que ao todo somam nove propriedades. A terceira fase se constituiu na verificação das informações contidas no documento da SETUR. Para isso, buscamos, junto às prefeituras municipais, por meio do setor responsável pelo turismo, a veracidade das informações. De posse dessas informações, buscamos contato com as proprietárias para o agendamento das entrevistas. Na quarta e última fase, aplicamos as entrevistas a oito

---

<sup>4</sup> Constatação obtida através da Dissertação de Mestrado. Os principais investimentos são: com elas mesmas; com a compra de roupas e cosméticos; com a educação dos filhos; com melhorias nas dependências da casa.

proprietárias de pousadas-fazenda no meio rural da região dos Campos de Cima da Serra.

Este trabalho proporcionou o conhecimento sobre a atividade econômica do turismo e seus reflexos na vida e organização das mulheres da região dos Campos de Cima da Serra. Com esta análise esperamos contribuir para um maior entendimento sobre a temática e cooperar não só para desenvolver políticas públicas eficazes para as mulheres do campo, mas também para diminuir as desigualdades ainda existentes entre homens e mulheres.

## **2. Mulher, turismo e desenvolvimento rural**

A participação da mulher na sobrevivência familiar sempre esteve presente, tanto no que se refere à produção, quanto à reprodução. Suas múltiplas funções, muitas vezes tidas como ajuda, contribuem para o desenvolvimento das propriedades. A participação da mulher dentro da propriedade se dá em duas esferas: na reprodutiva que está relacionada com o trabalho doméstico (cuidados com a família, educação, horta, pequenos animais); e na produtiva, que está relacionada com as atividades agrícolas, não-agrícolas e de trabalho remunerado.

Esta participação das mulheres nas atividades lucrativas deu-se por diversos fatores: mudanças nos sistemas de cultivo; formas de propriedade; introdução de novos produtos e novas tecnologias; modificações nas relações de produção; e situação de classe das mulheres” (PRESVELOU, ALMEIDA & ALMEIDA, 1996). Nesse novo cenário do meio rural, surgem diversas atividades que complementam a agricultura, como agroindústrias, artesanato, lazer e turismo, em que há grande e significativa participação das mulheres.

No turismo rural, a mulher assume diferentes papéis que vão desde as atividades domésticas até as consideradas empresariais. Sua participação é fundamental no desenvolvimento de tais atividades, já que ela traz consigo as competências de dona de casa, o que torna a atividade turística rural mais característica do ambiente familiar rural. A similaridade das atividades que são desenvolvidas no turismo com as domésticas permite que a mulher considere o turismo como uma extensão do trabalho

de casa. Esse fato ainda é acentuado porque as atividades são desenvolvidas no mesmo ambiente de moradia.

Segundo Pérez e Valiente (in GARCIA RAMON E FERRÉ, 2000), “ não se estabelecem diferenças entre o que é tarefa de turismo e da própria família: cozinha e limpeza se fazem juntas, porque a tarefa é a mesma, o que nos leva a considerar o turismo como um trabalho doméstico ampliado” (p. 184). Isso nos remete a uma “feminização do turismo”?

Esse envolvimento da mulher, do feminino, com a atividade turística pode ser justificada com a citação de Sparrer (2003)

En el caso del turismo rural, todos los campos laborales se consideran como naturalmente dadas a las mujeres y se asocian con prototipos de profesiones con un alto grado de feminización: de este modo podríamos decir que la atención al teléfono es el trabajo típico de una secretaria, cuidar de los demás, en este caso a los huéspedes, corresponde a las enfermeras, y la limpieza de las habitaciones a una camarera de piso, todas estas profesiones con un alto grado de feminización (p. 189-190)

As atividades desempenhadas pelas mulheres no turismo rural, como observa o autor, são diversas, porque elas vão de gerente a auxiliar de limpeza, essas afirmações não diferem das dos dados de nossa pesquisa, na qual foram elencadas dez diferentes atividades desenvolvidas por mulheres na atividade turística. Limitamos a pesquisa a propriedades que são administradas por mulheres, sem a intervenção de familiares nas decisões referentes à atividade turística, assim, obtivemos que, em totalidade, elas desempenham atividades de administração, gerência, organização, planejamento, direção, recepção e informação. Segundo Sparrer (2003), o desenvolvimento dessas atividades caracteriza a mulher da região dos Campos de Cima da Serra como empresária do turismo rural. Apesar de assumir a liderança da pousada fazenda, as mulheres não se excluem das atividades consideradas como domésticas, a rigor elas fazem do turismo uma extensão do trabalho doméstico. Em estudos realizados por Valiente e Pérez (in GARCIA-RAMON E FERRÉ, 2000), em Portugal, podemos verificar a diversidade de atividades desenvolvidas pela mulher.

La mujer es que mantiene una mayor relación con los viajeros. La atención al cliente cuando llega y a lo largo de su estancia, la

orientación sobre la cultura de la zona, los recursos turísticos, las tradiciones o facilitar posibles rutas de interés son todas ellas ocupaciones de las dueñas, que se convierten en comunicadoras, en transmisoras de la cultura local...la dueña de la casa se encarga de su organización, es decir, vigilar la limpieza, el servicio de habitaciones, de la cocina (p. 208-209).

Essa transição ao assalariamento trouxe à mulher transformações em sua vida doméstica, social e cultural. Para Noronha,

A transição da mulher para o assalariamento, por um lado, introduziu toda uma transformação em sua vida, em seu cotidiano, em suas práticas enquanto trabalhadora, obrigando-a a submeter-se a toda uma domesticação de ritmos, horários, tempos, espaços, hierarquia, obediência a patrão, característica desta nova relação; por outro lado, criou oportunidades novas, no interior dessa mesma relação de produção, de transgressão ao conteúdo dessa ética, através dos espaços novos de aprendizagem em que a trabalhadora se viu forçada a penetrar (1986, p. 103).

A atividade turística, além de trazer rendimentos econômicos para as mulheres, possibilita ainda sua valorização social, pois, como trabalho remunerado, permite tal valorização. Além disso, como possibilita o envolvimento com outras pessoas, contribui para a socialização dela.

Para as mulheres, o turismo rural é importante como fonte geradora de empregos, já que, muitas vezes, elas não podem se afastar de suas residências para trabalhar. Estudos como os realizados pelo Instituto de Planejamento e Economia de Santa Catarina (ICEPA, 2002) e de Santos (2005) revelam os motivos que levam as mulheres ao desenvolvimento de atividades relacionadas com o turismo. Tais motivos vieram ao encontro das constatações desta pesquisa. A principal justificativa de envolvimento é a situação financeira das propriedades. O turismo rural é entendido pelas mulheres como uma nova opção para a complementação da renda, sem que elas tenham de sair de seus lares. Assim, elas podem combinar as atividades domésticas com as atividades relacionadas ao turismo. Para Pérez e Valiente (García Ramon e Ferré, 2000), a dedicação que o turismo exige se encaixa perfeitamente ao perfil das mulheres, porque lhes permite continuar com sua função principal, a reprodutiva. Isso se deve aos seguintes fatores: a recepção ao turista se realiza no âmbito doméstico, o

que possibilita a simultaneidade entre o cuidado com a família e com a nova ocupação, sem sair de casa e, ainda, com a formação necessária para trabalhar com a atividade turística, já que as atividades com o turismo rural é uma extensão das atividades domésticas, não exigindo que as mulheres se profissionalizem.

A importância do envolvimento da mulher para o desenvolvimento do turismo é expressiva. Sua multifuncionalidade, dentro da unidade familiar, faz com que elas se constituam em peça-chave para o sucesso da atividade. A proximidade das atividades exigidas no turismo com as atividades desempenhadas no âmbito familiar proporciona qualidade de vida atrelada à simplicidade que o turismo rural exige. O turismo rural, juntamente com outras atividades não-agrícolas, está se revelando como uma nova opção de geração de emprego e de renda para o meio rural, deixando de ser uma atividade complementar e passando a ser a atividade principal de muitas propriedades. Apesar disso, a agricultura, mesmo como atividade complementar, permanece na maioria das propriedades, o que evidencia a importância do setor agrícola para o desenvolvimento do turismo. Pérez e Valiente (in Garcia Ramon e Ferré, 2000), em uma pesquisa sobre propriedades da Espanha, evidenciaram a importância da preservação da agricultura nas propriedades que optam pelo turismo:

La estrecha relación entre turismo y agricultura se percibe muy claramente por las mujeres, que entienden que la existencia de la explotación es un factor fundamental para el éxito del turismo rural porque supone un atractivo, porque permite a los turistas ver el funcionamiento de una explotación, acercarse a las labores del campo, entender cómo se realiza, ver los animales (sobre todo si hay niños), además de permitirles consumir productos naturales, de la propia huerta (p. 187).

Outrossim, o turismo rural veio contribuir para uma mudança social na vida das mulheres pesquisadas. Por meio do trabalho desenvolvido no turismo, elas puderam ser valorizadas perante a própria família e ante a sociedade, como relata Pérez e Valiente (in GARCIA RAMON E FERRÉ, 2000) “...una mujer que aporta unos ingresos a la renta familiar está más considerada por la familia y por la sociedad” (p. 191). Outro fator considerado são as relações sociais desenvolvidas quando há contato com



pessoas diferentes: em face disso, elas podem experienciar modos de vida diferentes, e podem integrar-se ao mundo exterior.

Apesar de o turismo rural ser uma atividade recente no Brasil, ele se constitui como uma nova alternativa de desenvolvimento econômico, social, cultural e ambiental para as famílias e, principalmente, para as mulheres que, antes de investirem no turismo, não eram valorizadas nem econômica e nem socialmente. As mulheres rurais são imprescindíveis para que a atividade turística aconteça. Tanto nas literaturas estudadas, quanto nos resultados obtidos nesta pesquisa, foi possível constatar não só a crescente participação feminina na tomada de decisões, mas também como o turismo contribui para a socialização da mulher no campo.

### **3. Resultados e discussão**

#### **3.1 Caracterizando o turismo na região dos Campos de Cima da Serra**

Na região investigada, dos Campos de Cima da Serra do RS, o turismo rural iniciou na década de noventa. Nas propriedades estudadas, ele teve início no ano de 1996, sendo que, na virada do século, houve uma abertura significativa de pousadas-fazenda administradas por mulheres. O investimento no turismo teve como principal objetivo a descoberta e, logo, a exploração dos *canyons* do Parque Aparados da Serra e dos *canyons* do Parque Itaimbezinho.

O interesse pelo turismo rural surgiu por intermédio de conversas com os turistas que visitavam os *canyons*. Estes, não tendo onde se hospedar, nem se alimentar, sugeriram a abertura de estabelecimentos que suprissem essa necessidade e atendesse a demanda. Outro fator foi o incentivo dado pela Prefeitura Municipal. No caso da Prefeitura de São José dos Ausentes, foi a que identificou os *canyons* como o principal atrativo e o turismo rural, pelas características da região, como atrativo complementar, possibilitando, assim, a permanência do turista por um período mais longo no município. Outros fatores citados pelas entrevistadas foram: incentivo dado pelos amigos, experiências adquiridas em viagens e exemplo das propriedades vizinhas que investiram no turismo e tiveram retorno financeiro com a atividade. A metade das mulheres entrevistadas não tinha atividades

fora da propriedade antes do advento do turismo. As atividades delas estavam relacionadas com as consideradas domésticas, tais como: cuidados com a casa, alimentação das famílias, educação dos filhos, com a horta e com pequenos animais. As quatro atividades citadas foram substituídas pelo turismo, porque o turismo proporciona um maior rendimento econômico associado a uma melhor qualidade de vida para elas e suas famílias. Apesar de desenvolverem atividades extra-propriedade, a produção agrícola sempre esteve presente na fazenda.

A iniciativa pelo desenvolvimento do turismo partiu, na maioria dos casos (87%) das mulheres, sendo elas próprias que administravam a pousada -fazenda desde sua implantação. Esse dado nos revela a preocupação, aliada à sensibilidade da mulher, em proteger a família, mesmo que para isso ela tenha de buscar novas alternativas de sobrevivência, como é o caso do turismo rural, aqui focado.

O fator econômico, como em outros estudos (Garcia Ramon, Canoves e Valdovinos 1995; Valiente e Perez, 2000; Silva, 2005), ainda é o principal motivador no desenvolvimento do turismo rural. As mulheres valorizam a oportunidade de trabalho que contribui para o bem-estar econômico da família, sem que ela tenha de sair de casa.

“[...] a parte econômica conta muito, porque tu não vai fazer um trabalho se não é bem remunerado, tu não tem prazer. Pode até iniciar, mas não tem prazer em continuar [...]” (Entrevistada A).

Outros fatores foram relacionados pelas mulheres como a possibilidade de ampliarem as relações sociais, as relações culturais, as trocas de experiências, tudo que contribui para o desenvolvimento do meio rural que elas gostam.

“[...] eu vejo que um dos fatores que mais me deixa realizada é contar com esse lado, o financeiro, ele conta, que nem te falei [...] tu receber informação é, como eu digo para eles, eu viajo junto com vocês, porque cada um que vem aqui viaja o mundo inteiro né? Então, a gente tem aquela coisa de poder viajar junto com eles sem sair daqui. Esse lado conta, de poder proporcionar para os meus filhos um futuro que eu sei que é garantido pra eles, então, isso também conta, e sem contar da gente não tá sozinha, tá sempre recebendo pessoas diferentes e sempre inovando tua maneira de pensar o jeito de agir [...] deixar esse lado das miudezas e pensar grande [...]” (Entrevistada A).

A falta de mão-de-obra qualificada foi citada como um dos principais problemas enfrentados por elas quando iniciaram a atividade. Isso se deve a diversos fatores, dentre eles: dificuldades de acesso aos centros urbanos, poucos investimentos em especialização, dificuldades econômicas que o produtor rural enfrenta e também, falta de qualificação, porque a mão-de-obra utilizada nas pousadas-fazenda é familiar. Além disso, a falta de qualificação acarreta outras dificuldades que são encontradas pelas mulheres, como a falta de prática no envolvimento com o turista, ou seja, no tratamento que deve ser dispensado a ele, como relata uma das entrevistadas:

“[...] no início, não sabia como tratar com eles, conversar, se eles falassem comigo eu também falava, depois de um tempo, mudou, acostumei com a situação e aprendi a lidar com eles [...]”(Entrevistada A).

Outra dificuldade citada pelas entrevistadas foi a de acesso ao meio rural. Por serem municípios essencialmente rurais, com um grande número de estradas de chão batido, as estradas ficam muito tempo sem manutenção, ocasionando, assim, dificuldades de acesso até às propriedades. Segundo Santos (2005), esta dificuldade também foi encontrada em estudos na metade sul do Rio Grande do Sul.

“[...] o turismo, no início, veio bem, depois as estradas ficaram péssimas, indicava aos turistas que não viessem de carro, agora estão vindo de novo, todos que vieram gostaram muito, mas a reclamação foram as estradas [...]” (Entrevistada B).

Um dado interessante e incentivador é de que 100% das mulheres acreditam valer a pena continuar no turismo rural. Com relação aos motivos, os seguintes são citados: é uma atividade emergente, economicamente interessante, culturalmente enriquecedora, e existe uma demanda para este segmento do turismo.

“[...] eu acho que vale a pena, porque como eu te disse a gente viaja com eles, a parte cultural se desenvolve, o relacionamento, tu consegue abrir horizonte, e esse é o principal objetivo abrir horizontes que antes tu não tinha, e abrir horizonte é tanto na

parte financeira quanto na parte cultural como na parte de amizade [...]”(Entrevistada A).

Quanto às expectativas com relação ao turismo para os próximos anos, a maioria acredita que irá aumentar a demanda pelo segmento, assim como pretendem ampliar o negócio. Outra parcela espera maior envolvimento dos órgãos públicos na atividade, e uma entrevistada pretende fechar o empreendimento (por estar com idade avançada e problemas de saúde).

“[...] Que o município assuma sua responsabilidade com o turismo [...]” (Entrevistada B).

Apesar de todas as dificuldades encontradas pelas mulheres na implantação do turismo, a maioria ainda se sente motivada a continuar na atividade, fator que está intimamente ligado à melhoria da qualidade de vida da família e que é um reflexo dos melhores rendimentos que o turismo proporciona.

### **3.2 Traçando o perfil da mulher empreendedora**

É possível constatar, por meio desta pesquisa, que as mulheres da região estudada, na maioria pertencem a uma faixa etária de 41 a 50 anos. Dentre as investigadas, grande parte é casada e tem filhos (87%). Esses dados revelam uma estrutura familiar que, no turismo rural, é indispensável para o desenvolvimento de tal atividade, já que uma das principais motivações do turismo pelo meio rural é o resgate da cultura e dos costumes que estão estritamente relacionados com a composição das famílias rurais.

Já, com relação à propriedade da pousada-fazenda, 50% estão registrados em nome das mulheres e 50% estão registrados em nome do marido. Este dado proporcionou que fizéssemos o questionamento: por que, mesmo sendo a mulher a responsável pela atividade turística, a titulação, na metade das propriedades pesquisadas, está em nome do marido? Para responder o questionamento, foram apontadas algumas hipóteses, tais como: por haver dependência emocional da mulher em relação ao marido; por haver uma dependência financeira, nas propriedades em que o turismo ainda é atividade complementar; por existir um respeito ao

marido, já que ele é o chefe da família; por ser o marido o proprietário da terra; e ainda, por ele conseguir, com maior facilidade os recursos financeiros que necessitam ser aplicados no turismo.

Identificamos, ainda, que é crescente a participação da mulher na propriedade da terra, uma vez que 37% da terra está em nome dela; assim, quase se igualando à participação do marido. Em outros casos, a terra pertence aos pais ou aos filhos do casal. Um dos principais fatores de ocorrência desse fato é a partilha, ou seja, ela recebe a terra como herança de familiares ou como meeira quando ocorre a morte do marido. De qualquer modo, ela prefere investir na propriedade, com atividades agrícolas e não-agrícolas, do que vender a terra e adquirir outro bem para a família.

Para analisarmos o tamanho da propriedade, usamos as medidas de áreas correspondentes à pequena propriedade (até 50 ha), média propriedade (de 51 a 200 ha) e grande propriedade (mais de 201 ha). Constatamos que o turismo se desenvolve, na região pesquisada, em seus dois extremos, na pequena e na grande propriedade. Nas propriedades consideradas de pequena área, o turismo rural é a principal atividade econômica; já nas consideradas de grande área o turismo se constitui em uma atividade complementar, ficando a agropecuária em primeiro plano.

Na região dos Campos de Cima da Serra, há equiparações em termos de dimensões de área das propriedades. Talvez por esse motivo, encontramos, em nossa pesquisa, maior investimento no turismo rural em pequenas e grandes propriedades. Esse dado é instigante; pois, a partir dele, podemos fazer os seguintes questionamentos: por que grandes propriedades investiram no turismo rural? Por que as pequenas propriedades elegeram o turismo rural como atividade alternativa à agrícola? Para responder tais questionamentos foram constatados alguns motivos: nas grandes propriedades, a agricultura ainda prevalece, pois o grande proprietário possui meios de mecanização agrícola que ainda o possibilitam a manter-se na atividade. O pequeno agricultor não tendo meios de mecanização para se manter no novo cenário da agricultura, tentou investir em outras atividades menos desgastantes para as famílias, uma vez que muitas delas se desmembraram em decorrência do êxodo rural. A agricultura ainda permanece nessas propriedades, mas em menor escala. A diminuição nos investimentos e ganhos na agricultura fez com que surgissem, nas propriedades, outras atividades, como o turismo rural, que

ficou sob a responsabilidade da mulher, pois a ajuda dada por ela, na agricultura, não era mais tão necessária.

Deve-se considerar que a região estudada é uma das principais zonas turísticas do Estado; em vista disso, a crise na agricultura apela para alternativas não-agrícolas, no caso, para o turismo. Apesar disso, a agricultura ainda é significativa, o que se constitui num fator crucial para o desenvolvimento do turismo rural, já que o turista também deseja uma interação com as atividades agrícolas da propriedade.

O desenvolvimento do turismo rural possibilitou que as mulheres realizassem melhorias tanto nas propriedades, quanto nas dependências da casa, o que evidencia a preocupação delas em proporcionar aos turistas certo conforto. Houve instalação de energia elétrica e de linha telefônica; melhorias no pátio e no jardim da fazenda; colocação ou ampliação da rede de água/esgoto; aquisição de bens mobiliários e diversificação das atividades para satisfazer os desejos dos turistas.

“[...] por incrível que pareça o pessoal que vem valoriza muito essa parte simples nossa, essa coisa do aconchego, de sentar com eles e ouvir o que eles têm para dizer [...]” (Entrevistada A).

### **3.3 Mulher e economia**

A contribuição da mulher na economia familiar foi muitas vezes invisível, desvalorizada por seu trabalho estar relacionado às atividades tidas como domésticas, como cuidados com a casa, com a alimentação da família, com a educação dos filhos, com pequenos animais e com a horta. Apesar disso, podemos constatar a partir da análise dos resultados desta pesquisa que a mulher participa da economia familiar, buscando novas alternativas de trabalho dentro e fora da propriedade. Uma destas atividades é o objeto deste estudo, o turismo rural. Para analisarmos este fenômeno buscamos responder alguns questionamentos relacionados com os fatores econômicos e de trabalho. Com relação aos fatores econômicos foram feitos os seguintes questionamentos: valores investidos na atividade turística, retorno financeiro da atividade, onde são investidos estes retornos econômicos e perspectivas quanto à ampliação do negócio. Com relação ao trabalho, buscamos identificar: as atividades laborais desenvolvidas pelas mulheres no turismo, se possuem empregados, horas diárias dedicadas ao turismo e se tem outro trabalho remunerado além do turismo.

Inicialmente, a análise dos resultados foi com relação aos dados sobre os investimentos e retornos financeiro do turismo na área de estudo. As mulheres entenderam que era preciso investir no turismo antes de receber o retorno, pois gostariam de oferecer qualidade para os turistas. Esta preocupação fez com que os investimentos em suas propriedades fossem significativos, pois nenhuma tinha infra-estrutura adequada para receber-los. Os valores investidos na atividade variaram entre R\$ 8.000,00 e R\$ 200.000,00. As que investiram maiores valores foram as propriedades com pequenas áreas de terra. Isso se deve ao fato de que as grandes propriedades já possuíam melhor infra-estrutura para receber os turistas, precisando fazer apenas alguns reparos. O investimento foi, em média, de R\$ 70.000,00.

Os setores em que precisaram de investimentos foram: na casa, a ampliação do número de banheiros, construção de refeitório e reformas nos quartos, compra de móveis e na infra-estrutura externa da casa. A maioria das mulheres considera que o turismo trouxe retornos financeiros, diversificando assim a economia familiar. Destas, a grande maioria investe este dinheiro na própria atividade, melhorando, por exemplo, a infra-estrutura. Outro dado relevante que podemos constatar é que os recursos oriundos do turismo são também utilizados para pagar contas da casa como água, luz, telefone e na educação dos filhos, além de serem investidos, ainda, nas atividades agrícolas.

“[...] a gente não precisa tirar da pecuária para investir no turismo, ele se paga [...]” (Entrevistada A).

Com relação às expectativas do negócio turismo, grande parte (75%) pretende ampliar, pois considera o turismo uma atividade emergente e espera que aumente a demanda pelo turismo rural. A maioria pretende ampliar ou fazer reformas nos quartos, para que assim o turista possa desfrutar de melhor qualidade e de mais conforto, já que muitos quartos são semi-privativos.

### **3.4 Mulher, Trabalho e Turismo Rural**

Por muito tempo, a participação da mulher na constituição da renda familiar foi completamente invisível. Seu trabalho era considerado sem valor produtivo ou como ajuda. Esse anonimato nas relações de

trabalho deve-se, de certo modo, à tradição cultural das mulheres à subordinação ao sexo masculino (pai, marido ou filhos). Quando este tem como cenário o espaço rural, a condição de subordinação é ainda maior, pois no rural a cultura e a tradição são mantidas com mais afinco. A hierarquização dos papéis sociais dos homens e das mulheres nas sociedades era e ainda são distintos, onde a divisão do trabalho é constituída pela diferença na realização de tarefas, ocasionando representações sociais de gênero distintas. Mead (2006) já apontava esse fato em suas pesquisas na sociedade Arapesh. Quando se indaga a um Arapesh a respeito da divisão do trabalho, os mesmos respondem: *“Cozinhar o alimento cotidiano, trazer lenha e água, capinar e transportar – é trabalho feminino; cozinhar o alimento cerimonial, carregar porcos e toras pesadas, construir casa, costurar folhas de palmeira, limpar e cercar, esculpir, caçar e cultivar inhames – são tarefas masculinas”* (Mead, 2006, p.61).

Nos trabalhos de Brumer (2004) pode-se constatar a mesma hierarquização:

[...] ao homem cabe geralmente a exclusividade de desenvolver serviços que requerem maior força física, tais como lavrar, cortar lenha, fazer curvas de nível, derrubar árvores e fazer cerca. Também cabe ao homem o uso de maquinário agrícola mais sofisticado, tal como o trator. À mulher, de um modo geral, compete executar tanto as atividades mais rotineiras, ligadas à casa ou ao serviço agrícola, como as de caráter mais leve. Entre as tarefas em geral executadas pelas mulheres está praticamente todas as atividades domésticas, o trato dos animais, principalmente os menores (galinhas, porcos e animais domésticos), a ordenha das vacas e o cuidado do quintal, que inclui a horta, o pomar e o jardim (Brumer, 2004, p. 07).

Paulilo (1987) também se dedicou aos estudos da hierarquização do trabalho entre homens e mulheres. Para esta autora a diferença entre o trabalho masculino e o trabalho feminino dá-se pelas categorias “pesado” e “leve”<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> “Trabalho leve” não significa trabalho agradável, desnecessário ou pouco exigente em termos de tempo ou de esforço. Pode ser estafante, moroso, ou mesmo nocivo à saúde – mas é “leve” se pode ser realizado por mulheres e crianças (Paulilo, 1987, p. 07).



Dáí observa-se que o crescimento da participação da mulher em atividades econômicas da propriedade, dá-se através da relação com as atividades domésticas ampliando, assim, a participação feminina no trabalho a domicílio.

As mulheres continuam a prevalecer no trabalho a domicílio, uma vez que carecem de mobilidade e de flexibilidade de opções no mercado de trabalho. Tanto em virtude do viés de gênero presente nas definições de postos de trabalho como pelas responsabilidades familiares que recaem sobre elas e seus fortes vínculos comunitários, as mulheres constituem a principal oferta de trabalho a domicílio (Lavinás e Sorj, 2000 in DA ROCHA, 2000, p. 215).

Nessa perspectiva de trabalho a domicílio, o turismo rural toma grande importância, pois o trabalho necessário para desenvolvê-lo é considerado uma extensão das atividades domésticas, proporcionando que as mulheres não deixem as atividades reprodutivas pelas produtivas. Elas têm com os visitantes os mesmos cuidados que tem com seus familiares.

A partir da década de 70, com os movimentos feministas, as reivindicações pelo reconhecimento do papel e do espaço que a mulher ocupa na sociedade ficaram mais constantes, tomando força a cada década que se seguia. Segundo Bruschini (2000),

As transformações nos padrões culturais e nos valores relativos ao papel social da mulher, intensificados pelos impactos dos movimentos feministas dos anos 70 e pela presença cada vez mais atuante das mulheres nos espaços públicos, alteraram a constituição da identidade feminina, cada vez mais voltada para o trabalho produtivo” (in Da Rocha, 2000, p. 16).

Para Borges e Guimarães (2000) essa “crescente participação na oferta de força de trabalho resulta, como se sabe das mudanças ocorridas na relação historicamente existentes entre a esfera pública e privada (ou nas esferas de produção e reprodução)” (in Da Rocha, 2000, p. 111). Contudo, essa admissão das mulheres no sistema produtivo deu-se, principalmente, através de atividades laborais que podem ser desenvolvidas no ambiente familiar ou domiciliar.

É nesse novo cenário, de re-significação ou reconstrução do papel da mulher que surge, com mais intensidade, uma nova atividade que seria

definida por alguns autores como uma atividade de caráter feminino: o turismo rural. O turismo rural tem uma significativa participação da mulher no seu desenvolvimento. Para Sparrer (2003) essa participação está atrelada às atividades domésticas desempenhadas por elas, pois há uma similaridade entre estas atividades e as desempenhadas no turismo rural. Segundo este mesmo autor, “No turismo rural todos os campos laborais são considerados como naturalmente dados às mulheres e se associam com protótipos de profissões com um alto grau de feminização” (Sparrer, 2003, p. 189).

Outrossim, o turismo surge como uma nova oportunidade de revitalização socioeconômica do espaço rural. Nesse sentido, Talavera (2002) considera que o “[...] turismo gera empregos e absorve a força de trabalho do resto dos setores produtivos, modificando comportamentos e incitando a reconstrução, esteticamente aceitável de paisagens, patrimônio e culturas” (*in* Riedl, Almeida, Viana, 2002, p. 13).

Assim como em boa parte das iniciativas, o turismo rural no Rio Grande do Sul surgiu com esse fundamento: ampliar as oportunidades de rendas das famílias rurais e gerar empregos.

O turismo rural nesta região representa uma alternativa de emprego para a comunidade local. Todas as propriedades pesquisadas geram empregos, sendo que 62% empregam funcionários temporários, 25% empregam funcionários permanentes e 13% empregam funcionários temporários e permanentes. Este dado confirma a hipótese de que o turismo é gerador de empregos em pequenas comunidades.

Assim como em outros estudos, constatamos que a carga horária dedicada ao trabalho é bastante elevada. A maioria, 87%, das empresárias relatou que se dedica ao turismo rural de 8 a 12 horas diária.

A maioria das mulheres não tem outra atividade além do turismo, 62%, mas ainda uma parcela que tem em outras atividades a complementação da renda familiar, mesmo sendo estas de aposentadoria, 38%. Este dado, mais uma vez, ressalta a importância do turismo na economia familiar.

#### 4. Considerações finais

O turismo rural proporcionou às mulheres pesquisadas significativas mudanças no âmbito econômico da família. As rendas oriundas do seu trabalho que antes era tido, na agricultura, como ajuda, passaram a ser contabilizados na economia familiar, pois o turismo rural se tornou na maioria das propriedades a principal fonte de renda. O turismo rural é tido pelas mulheres da região dos Campos de Cima da Serra como uma alternativa econômica viável para a região, justificando assim, a pretensão em ampliar o negócio.

Quanto às relações de trabalho, a mulher ainda enfrenta muitas dificuldades no reconhecimento das atividades, pois como já mencionamos, seu trabalho é considerado como ajuda. Na atividade turística as tarefas desenvolvidas pelas mulheres são avaliadas como uma extensão das domésticas, já que muitos cuidados necessários com os turistas são os mesmos que ela tem com a família.

Os dados apontados na pesquisa remetem à outra suposição, a diversidade de funções exercidas pela mulher. Estas estão ligadas a fatores como: sazonalidade do turismo, que possibilita o envolvimento da mulher em outras atividades; ao fato de o turismo estar sendo desenvolvido no mesmo ambiente que o de moradia, isso acarreta um aumento na carga horária de trabalho, pois exclui o tempo de deslocamento;

O turismo, na região estudada, é expressivo, tendo importância, principalmente econômica para a propriedade e para os municípios. Na maioria das propriedades o turismo se constitui na principal fonte de renda, deixando de ser uma atividade complementar à agricultura. A agricultura, por sua vez, não foi suprimida das propriedades, ela passou a ser atividade complementar ao turismo rural. Este, além de gerar mais riqueza para os proprietários, possibilita ainda que sejam feitas melhorias nas propriedades, visto que há uma preocupação das mulheres de oferecerem um ambiente confortável para os turistas. Além destes ganhos, houve ainda, ganhos para a comunidade, como a melhoria das estradas e mais oportunidades de emprego no espaço rural.

Decorrente disso, o turismo rural na região dos Campos de Cima da Serra pode ser considerado como uma alternativa de desenvolvimento local e regional. A região é contemplada com rara beleza natural, como os *canyons* que fazem o turismo aflorar regionalmente. Convém ressaltar que o

turismo rural é recente na região e ainda precisa ser lapidado, ou seja, precisa de investimentos tanto das mulheres quanto dos órgãos oficiais do turismo. Nessa nova perspectiva de desenvolvimento rural, a mulher está à frente do negócio, com suas características e peculiaridades femininas, tornando o turismo uma atividade singular.

O turismo rural, assim como na maioria dos segmentos do turismo, remete ao fator econômico da atividade, como um complemento da renda familiar ou, como no caso deste estudo, na atividade principal da família. Contudo, outros fatores foram citados como de grande importância no desenvolvimento do turismo rural como as relações sociais e culturais que a atividade proporciona. O turismo permite a troca de experiência entre visitante e visitado que é aceita pelas mulheres entrevistadas como um ponto positivo da atividade.

## 5. Referências bibliográficas

BORGES, A; GUIMARÃES, I. B. A mulher e o mercado de trabalho nos anos 90: o caso da Região Metropolitana de Salvador. *In*: DA ROCHA, M. I. B. (org). **Trabalho e Gênero: mudanças, permanências e desafios**. Campinas: ABEP, NEPO/UNICAMP E CEDEPLAR/UFMG/São Paulo: Editora 34, 2000.

BRUSCHINI, C. Gênero e trabalho no Brasil: Novas conquistas ou persistência da discriminação? *In*: DA ROCHA, M. I. B. (org). **Trabalho e Gênero: mudanças, permanências e desafios**. Campinas: ABEP, NEPO/UNICAMP E CEDEPLAR/UFMG/São Paulo: Editora 34, 2000.

BRUMER, A. **Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul**. Revista Estudos Feministas v.12 n.1, 2004, Florianópolis jan./abr 2004.

CAMPANHOLA, C.; GRAZIANO DA SILVA, J. O agroturismo como nova fonte de renda para o pequeno agricultor brasileiro. *In*: ALMEIDA, J. A.; RIEDL, M. **Turismo Rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

CARNEIRO, M. J. **Camponeses, agricultores e Pluriatividade**. Rio de Janeiro: Editora Contracapa, 1998.

GARCIA RAMON, D.; CANOVES, G.; VALDOVINOS, N. **Farm Tourism, Gender and the Environment in Spain**. *In*: ANNALS OF TOURISM

RESEARCH, UNIVERSITAT AUTONOMA DE BARCELONA, 22., 1995, **Barcelona: Pergamon, 1995. p. 267-282.**

GRAZIANO DA SILVA, J. **O Novo Rural Brasileiro**. Campinas. UNICAMP, Instituto de Economia, 1999 (Coleção Pesquisas I).

\_\_\_\_\_. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. Campinas: UNICAMP/IE, 1996.

LAVINAS, L; SORJ, B. O trabalho a domicílio em questão: perspectivas brasileiras. *In: DA ROCHA, M. I. B. (org). Trabalho e Gênero: mudanças, permanências e desafios*. Campinas: ABEP, NEPO/UNICAMP E CEDEPLAR/UFMG/São Paulo: Editora 34, 2000.

MEAD, M. **Sexo e temperamento**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

PAULILO, M. I. O peso do trabalho leve. **Revista Ciência Hoje**, nº 28, p. 01-07, 1987.

\_\_\_\_\_. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. **Estudos Feministas/Florianópolis**, 12 (1), p. 229-252, jan/abril, 2004

PÉREZ, M. V.; VALIENTE, G. C. Turismo rural em Galicia: sin mujeres imposible. *In: GARCIA RAMON, Maria Dolores; FERRÉ, Mireia Baylina (eds). El nuevo papel de las mujeres em el desarrollo rural*. Vilassar Del Mar/Barcelona/Espanha: Oikos-tau, 2000, p.171-198.

SANTOS, E. de O. **Agroturismo e turismo rural: uma alternativa econômica para a metade sul do Estado do Rio Grande do Sul**. Santa Maria: FACOS, 2005.131p.

SCHNEIDER, S; FIALHO, M. A. V. Atividades não agrícolas e turismo rural no Rio Grande do Sul. *In: ALMEIDA, J. A.; RIEDL, M. Turismo Rural: ecologia, lazer e desenvolvimento*. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

SILVA, M. F. da. **Turismo rural, agricultura familiar e comunidade**. Santa Maria: FACOS, 2005. 152p.

SPARRER, M. **Gênero y turismo rural: el ejemplo de la Costa Coruñesa**. Cuadernos de turismo. Escuela de turismo de La Coruña, n.11, p.181-197, 2003.

TALAVERA, A.S. Desarrollos y conflictos em torno al turismo rural: claves y dilemas desde la antropologia social. *In: RIEDL, M; ALMEIDA, J. A.; VIANA, A. L. B. (org). Turismo rural: tendências e sustentabilidade*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

TORESAN, L.; MATTEI, L.; GUZZATTI, T. **Estudo do Potencial do agroturismo em Santa Catarina**: impactos e potencialidades para a agricultura familiar. Florianópolis, SC: Instituto CEPA/SC, 2002.

VALIENTE, G. C.; PÉREZ, M. V . **Turismo en espacio rural en Espana**: actrices e imaginário colectivo. Doc. Anal Geografic. Universidade de santiago de Compostel, Spain, n.37, p.51-77, 2000.

WANDERLEY, M. de N. B. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v.15, outubro, p. 87-145, 2000.